

A FORMAÇÃO DE UMA CRIANÇA JUDIA NO SÉCULO 1 d.C.

Quando nos deparamos com Pedro, um pescador, declamando trechos do Antigo Testamento de memória em seu sermão relatado em Atos 2, podemos até estranhar, especialmente quando nos comparamos com a triste realidade escolar de pessoas semelhantes aos apóstolos mais simples hoje em dia. Entretanto, esse evento mostra como era a estrutura educacional desenvolvida pelo povo de Israel e em pleno funcionamento nos tempos de Jesus.

As raízes do ensino básico no povo judeu encontram-se na Lei do Antigo Testamento. Era responsabilidade dos pais transmitir as leis de Deus para seus filhos dentro de casa (Dt 6.7; 11.19). Toda criança judia era ensinada dentro de casa pelo pai desde seu nascimento. Esse ensino, por consistir na transmissão da lei de Deus que regia toda a sociedade judaica, era mais do que educação básica. Era a própria continuidade do povo da aliança. Um rabino do século 1 d.C. chamado Joshua ben Gamala levantou um problema: a criança que tem pai é ensinada em casa, porém os órfãos permanecem ignorantes. Por isso, por volta de 64 d.C., Joshua ben Gamala estrutura algo que já acontecia há algum tempo: as escolas nas sinagogas. Essas escolas estavam presentes em todas as cidades judias e com judeus, isto é, onde houvesse uma sinagoga. A preocupação em garantir o ensino para todos era tamanha que não era aceitável enviar uma criança para estudar em outra cidade, apenas em uma congregação mais distante de judeus. Isso se não houvesse um rio no caminho, pois a menos que existisse uma ponte segura, não seria aceitável a criança ter que cruzar o rio para estudar.

A qualidade do ensino também era uma preocupação, de modo que isso se reflete na organização numérica das salas de aula. Um trecho do Talmude Babilônico (uma coletânea de tradições judaicas) diz: "O número de crianças na escola não deve exceder 25, se houver apenas um profes-

sor; se o número for entre 25 e 40, um assistente deve ser providenciado para ele por cidade; e se houver 50, dois professores devem ser indicados” (Baba Bathra, 21a). “Se uma criança está abaixo dos seis anos, não a aceite”, diz esse mesmo trecho do Talmude, “mas acima dessa idade, aceite-a e a alimente (com conhecimento) como se alimenta um boi” (Baba Bathra 21a) O ensino nessas escolas judaicas do século 1 d.C. era basicamente memorização do Antigo Testamento. Os meninos judeus se sentavam aos pés de um rabino, que recitava os livros sagrados da Bíblia Hebraica e as crianças repetiam o que era dito. Como um professor judeu disse aos seus alunos: “Abra sua boca e aprenda as Escrituras; abra sua boca e estude a tradição (Mishná) para que isso permaneça contigo” (Erubin 54a). Visto que muitas palavras dificultavam a memorização, uma tradição judaica dizia: “Um professor deve sempre empregar expressões concisas com seus alunos” (Pesachim, 3b). Ao mesmo tempo, a persistente repetição era o principal recurso didático, portanto “o professor deve continuar repetindo a lição até que o aluno a aprenda” (Erubin, 54b). Ao aluno a repetição também era mandatária, pois “aquele que repete sua lição cem vezes não é como aquele que repete mil e uma vezes” (Hagigah 9b). Conforme o aluno avançava na escola, ele passava a aprender a tradição oral judaica, a Mishná, o que se dava por meio de provérbios e parábolas, paralelismos e aliteraões, que facilitavam a memorização. Esse tipo de técnica de memória permeava toda a sociedade judaica, como vemos na brincadeira das crianças em Lucas 7.31-32.

Um trecho da Ética dos Pais dá o roteiro da vida de um homem judeu, dizendo que aos cinco anos de idade se deve começar o estudo das Escrituras; aos dez, o estudo da Mishná, isto é, a cultura oral judaica; aos treze, tem a obrigação de cumprir os mandamentos; aos quinze, deve estudar a Guemará do Talmude, ou seja, os comentários rabínicos das Escrituras; aos dezoito, o matrimônio; aos vinte, a perseguição de um meio de subsistência; aos trinta se alcança a força plena; aos quarenta, a compreensão; aos cinquenta, o talento para dar conselhos; aos sessenta, a velhice; aos setenta, a velhice madura; aos oitenta, mostra um sinal de força especial; aos noventa o corpo se enrugam; e aos cem é como se estivesse morto, desaparecido e suprimido do mundo (Pirkê Aboth 5.22). Assim, a partir dos seis anos, os meninos judeus ingressavam na escola judaica e até os dez anos teriam decorado toda a Torah, isto é, os livros da lei que correspondem ao Pentateuco. Dos dez aos treze, todo o restante do Antigo Testamento, juntamente com algumas tradições judaicas. Alcançando a maturidade aos treze anos, isto é, tornando-se adultos diante da sociedade judaica por meio da famosa cerimônia conhecida como Bar Mitzvah (que significa “filho da Lei”), esses adolescentes voltavam para casa para aprender o ofício dos pais. Porém aqueles que mais se destacavam poderiam se mudar para Jerusalém, onde se aprofundariam nos estudos ao se tornarem discípulos de algum rabino. Esse grupo de jovens destacados poderiam se tornar futuros mestres da lei ou escribas. Provavelmente, foi assim que o apóstolo Paulo, um judeu que cresceu fora da Palestina, em Tarso, sentou-se aos pés de Gamaliel como seu discípulo em Jerusalém (At 22.3). Se a educação básica era difundida por onde quer que houvesse um grupo de judeus e

uma sinagoga, essa etapa de especialização na Lei e tradições dos judeus era obrigatoriamente em Jerusalém, o que os judeus explicavam se basear em Isaías 2.3, diz: “porque de Sião sairá a lei, e a palavra do SENHOR, de Jerusalém”.

Apesar da importância dada à educação entre os judeus no século 1 d.C., toda essa estrutura era aplicada apenas aos meninos judeus. As meninas deveriam permanecer em casa, com a mãe, até o casamento, aprendendo a palavra de Deus por meio do que o pai ensinava em casa e, posteriormente, o marido. Aparentemente, o ensino formal às mulheres nunca foi algo praticado pelos judeus antigos, sendo que alguns rabinos repudiavam totalmente qualquer tentativa de ensino da lei de Deus às mulheres, mesmo dentro das casas. Um rabino disse que “quem ensinar a Torah à sua filha é como se lhe ensinasse obscenidades” (Sotah III, 4) e outro afirmou que era melhor deixar as palavras da Torah serem destruídas pelo fogo do que as entregar às mulheres (Sotah 19a). Abraham Cohen argumenta que a rispidez dos rabinos antigos em relação ao ensino às mulheres decorria da má impressão que os judeus tinham das culturas e religiões ao seu redor. Os judeus da antiguidade, por exemplo, teriam visto as mulheres gregas e romanas que se dedicaram aos estudos se envolverem lascivamente com os homens, visto o universo da filosofia antiga ser masculino. Os judeus medievais teriam visto as mulheres cristãs serem levadas pelo fervor religioso e se entregarem ao celibato. Nos dois casos, os estudos teriam afastado as mulheres de seu papel na sociedade judaica, que era o cuidado do lar e a procriação. Segundo Cohen, esse seria o motivo dos rabinos antigos serem tão agressivos em relação às mulheres aprenderem até mesmo a lei de Deus, ao ponto de dizerem que dentre os destruidores do mundo estavam as mulheres e os fariseus (Sotah III, 4)

BIBLIOGRAFIA

DANIEL-ROPS, Henri. *A vida diária nos tempos de Jesus*. São Paulo: Vida Nova, 2008.

COHEN, Abraham. *Everyman's Talmud*. Londres: Phoenix Ebook, 2013.

QUESTÕES PARA DEBATE

1. Por que Jesus não foi selecionado para fazer parte do grupo de jovens destacados?
2. Qual a importância de uma boa metodologia de ensino e espaços educacionais adequados para o ensino da Bíblia?
3. Quais estruturas sociais no mundo contemporâneo ainda são restritas a apenas um grupo social, excluindo as minorias? Como a Igreja pode agir para mudar essas situações?